

Índice

Francisco fala da família, sem papéis.....	1
Brincar é algo muito sério	2
Holanda: espaços livres do fumo da cannabis	3
A sociedade francesa quer cautela em temas bioéticos.....	4

Francisco fala da família, sem papéis

Quando o Papa Francisco encosta o discurso preparado e se lança a falar de coração aberto, o ouvinte tem oportunidade de se sintonizar com aquilo que pensa, sem rodeios. Foi [o que aconteceu](#) a 16 de junho último ao receber uma delegação do Fórum das Associações Familiares italianas.

Francisco contou como gosta de saudar nas audiências casais que estão juntos há vinte e cinco, cinquenta ou sessenta anos. Eles confirmam-lhe que continuam enamorados. “Não se trata de um amor de novela, é um verdadeiro amor”.

Uma pergunta que lhes faz é: “Qual dos dois teve mais paciência?”. E a resposta é sempre: “Os dois”. “Isto indica uma vida em conjunto, uma vida a dois. Com essa paciência de se suportarem um ao outro”.

Recordou o Papa: “A vida de família é um sacrifício, um belo sacrifício. O amor é como fazer a massa: tem de ser feita todos os dias. O amor do casamento é um desafio, para o homem e para a mulher. Qual é o maior desafio para o homem? Tornar mais mulher a sua esposa. Que cresça como mulher. Qual é o maior desafio para a mulher? Tornar mais homem o seu marido. E, assim, os dois vão em frente”.

A seguir, sublinhou a importância que tem a paciência no casamento. “Há situações de crise – crises duras, tristes – onde talvez aconteçam mesmo momentos de infidelidade. Quando não se pode resolver o problema nessa altura, é necessária a paciência do amor que espera. Tantas mulheres – porque isso é mais da mulher do que do homem, embora

também às vezes o homem o faça – esperaram em silêncio, olhando para o outro lado, esperando que o marido voltasse a ser fiel. E isto é santidade. A santidade que perdoa tudo, porque ama”. “Paciência. Se um está nervoso e grita, não responder com outro grito. Calar-se, deixar passar a tempestade e, depois, no momento oportuno, falar”.

Francisco voltou a recordar três palavras que recomenda sempre aos cônjuges: permissão, perdão e obrigado. Igualmente, quando necessário, fazer as pazes ao terminar o dia. “Porque a ‘guerra fria’ do dia seguinte é muito perigosa”.

Para isto, faz falta uma boa preparação para o casamento. A este respeito, voltou a insistir em que o principal da exortação apostólica [“Amoris laetitia”](#) não é a casuística do que “se pode ou não se pode”, mas o capítulo quarto, a espiritualidade da vida comum da família. “Na ‘Amoris laetitia’ não se escondem os problemas da preparação para o casamento”. “Podemos dizer que, hoje em dia, é preciso um catecumenato para o casamento, como há um catecumenato para o batismo. Preparar-se, ajudar a preparar-se para o casamento”.

“Hoje vemos que tantas vezes se pretende começar uma família e casar-se como se fosse uma lotaria. ‘Vejam. Se funciona, vamos em frente. Se não correr bem, cancelamo-lo e começamos outra coisa’. Esta superficialidade sobre o maior dom que Deus deu à humanidade: a família”. “O próprio Jesus quando fala do casamento diz: ‘O homem deixará o pai e a mãe e será uma só carne com a sua mulher’. Porque são imagem e semelhança de Deus. A família é ícone de Deus. (...) O homem e a mulher são imagem de Deus. Isto é grande, é sagrado”.

Depois, o Papa aludiu a que hoje se fala de “diversos tipos de família. Sim, é verdade que a palavra ‘família’ é analógica, porque se fala da ‘família’ das estrelas, das árvores, dos animais... Mas a família humana como imagem de Deus, homem e mulher, é só uma. Pode ser que um homem e uma mulher não sejam crentes; mas se se amam e se unem no casamento, são imagem e semelhança de Deus, mesmo que não acreditem. É um mistério. São Paulo chama-o ‘mistério grande’, ‘sacramento grande’”.

Francisco mencionou o caso de dois esposos, que não tinham filhos, após dez anos de casamento. “É delicado falar disto, porque por vezes desejam-se os filhos, mas eles não vêm. Mais tarde soube que estas pessoas não queriam filhos. Mas tinham em casa três cães, dois gatos. É bom ter um cão, um gato... Mas quando às vezes nos dizem: ‘Sim, mas ainda não queremos ter filhos, porque temos de comprar uma casa no campo, fazer viagens...’ Os filhos são o dom maior”.

O Papa recordou que os filhos têm de ser acolhidos tal como vierem, como Deus o permite. “Disseram-me que está na moda – ou pelo menos é habitual – nos primeiros meses da gravidez fazer certos exames para ver se o bebé é são ou se tem algum problema... Nesse caso, a primeira proposta é: Eliminamo-lo? O homicídio das crianças. E para ter uma vida tranquila, elimina-se um inocente”.

Perante a eliminação dos bebés com malformações, o Papa arriscou-se a fazer uma comparação com a eugenia: “Digo-o com dor. No século passado, toda a gente se escandalizou com aquilo que faziam os nazis para preservar a pureza da raça. Hoje fazemos o mesmo, mas com luva branca”.

Para terminar, o Papa falou dos idosos da família, dos avós. “Falei das crianças como tesouro da família. Mas existe outro tesouro na família: os avós. Não os afastem da família, porque são chatos, porque repetem as mesmas coisas. Amem os avós, e que eles tenham a possibilidade de falar com as crianças”.

Brincar é algo muito sério

Deixar de lado temporariamente o telemóvel para se poder centrar na vida real é algo que se vai impondo cada vez melhor. E se aos adultos parece fazer-lhes bem, por certo que também às crianças que ficam boquiabertas diante do *tablet*, num tempo em que deveriam estar a interagir com o mundo real: a pegar nas suas mãos um ramo como se fosse uma espada, a tentar agarrar num pombo, a aprender a saltar à corda...

A importância dos jogos e dos brinquedos de toda a vida para favorecer o desenvolvimento de competências no menor, é

demonstrada em sucessivas investigações. [Uma das mais recentes](#), de uma equipa da Purdue University, interessou-se pela repercussão de uma atividade como o jogo com peças de Lego na aquisição de competências matemáticas como a enumeração e o reconhecimento de formas geométricas, assim como na flexibilidade cognitiva.

Os especialistas selecionaram 59 crianças entre os 3 e os 6 anos de idade, de lares com diferente nível socioeconómico. Metade delas participou na experiência, enquanto as outras constituíram o grupo de controlo. Assim, as primeiras foram agrupadas de três em três, e convidadas a distrair-se com as peças do mencionado jogo, em 14 sessões ao longo de 7 semanas.

No final, foram objeto, tanto elas como as que não estiveram na experiência, de várias provas para avaliar as suas competências matemáticas e cognitivas. Os investigadores concluíram que, em comparação, as participantes tiveram uma vantagem média de 0,25 na pontuação final sobre o grupo de controlo. A diferença é pequena, mas segundo a American Statistical Association, denota um avanço para todos os efeitos.

De igual modo, sobressai o dado de que nem todas as crianças que brincaram com o Lego beneficiaram na mesma medida: se as que eram procedentes de lares com bons rendimentos económicos mal revelaram uma melhoria no seu desempenho, os filhos de pais com menor nível de ensino tiveram um resultado mais relevante em relação à preparação inicial.

“O que isto significa”, diz à [“Quartz”](#), Sarah Schmitt, autora principal do estudo – “é que a intervenção poderia ter um impacto no liquidar do fosso de preparação escolar daquelas crianças que vêm de famílias com um baixo nível económico”.

O regresso aos brinquedos de outrora, como maneira de estimular nos menores a criatividade e a capacidade de exploração do mundo, foi credenciada por outras investigações realizadas. Há três anos, a *web* da Association for Psychological Science fazia-se eco de uma [experiência](#) desenvolvida por psicólogos do Rhodes College de Memphis (EUA), com uma amostra mais ampla: 847 crianças dos 4 aos 7 anos de idade.

Os especialistas acederam aos lares para observar com que tipo de brinquedos passavam o tempo livre as crianças: se com o Lego e os clássicos puzzles, ou com videojogos. Após um período durante o qual se foram desenvolvendo as crianças, aplicaram-lhes o *teste* de encaixar figuras de diversas formas em espaços concebidos para o efeito, e constataram que aquelas que tinham pegado nos brinquedos tradicionais umas seis vezes por semana, ultrapassavam a prova com mais facilidade do que as dos ecrãs.

“Os resultados mostram que o jogo espacial está relacionado com as competências de raciocínio espacial das crianças” – refere Jamie Jirout, uma das autoras. “Isto é importante,

porque dar-lhes este tipo de experiências pode ser uma maneira simples de estimular o seu desenvolvimento espacial, especialmente aqueles menores que normalmente exibem um desempenho menor, como os meninos e meninas de lares de piores rendimentos económicos”.

Mas também houve análises das competências linguísticas. Outro [estudo](#), este da Dra. Anna Sosa, da Universidade do Arizona, publicado no “Journal of the American Medical Association” (fevereiro 2016), teve como ponto de partida a gravação das reações de 26 bebés de 10 a 16 meses de idade a três variantes de distração, em cada uma das quais participaram os progenitores: a leitura de um livro, o jogo com brinquedos tradicionais, e o recurso ao computador infantil e a telemóveis de brinquedo.

Conforme comprovou a especialista, os pais que fizeram o acompanhamento dos seus filhos na primeira atividade, pronunciaram uma média de 67 palavras por minuto; 56 na segunda e 40 na terceira. Consequentemente, os bebés também balbuciaram menos nesta última atividade (umas 2,9 vezes), enquanto o tinham feito quase em 4 ocasiões durante a leitura de livros.

A Dra. Sosa concluiu que o jogo com dispositivos eletrónicos está associado a uma descida da qualidade e da quantidade do *input* linguístico, comparativamente à recreação com livros e brinquedos dos de toda a vida. “Devem dispensar os brinquedos eletrónicos para promover o desenvolvimento precoce da linguagem. Se a leitura não for a atividade preferida, os brinquedos tradicionais constituem uma valiosa alternativa para que pai e filho passem o tempo”.

“Não se pode apostar demasiado nos brinquedos eletrónicos”, refere por seu lado a Dra. Irina Verenikina, professora de Psicologia Educacional na australiana Universidade de Wollongong. Em apoio da tese de Sosa, Verenikina sublinha em [“The Age”](#) (6.2.2016) que esses artefactos “impõem sons e ruídos. Os bebés entusiasmam-se durante alguns dias, mas depois aborrecem-se”.

Além disso, afirma, esses dispositivos têm o inconveniente de não envolverem no jogo todos os sentidos do bebé – um limite inexplicável para o seu conhecimento do meio –, apesar do que, alguns pais utilizam-nos como uma espécie de amas: se garantem que o bebé esteja tranquilo, tanto melhor.

A cada progenitor caberá interrogar-se sobre se é esse o tipo de pessoa que lhe interessa formar, ou se não será melhor uma que interaja com o meio, ainda que acabe por espalhar as peças do Lego, ou por destruir um carrinho de bebé para averiguar o que existe por dentro.

Holanda: espaços livres do fumo da cannabis

A crença tradicional é que em qualquer cidade holandesa é possível entrar numa *coffeeshop*, comprar alguns gramas de marijuana, e fumá-la ali mesmo ou na rua, sem que a polícia incomode a pessoa. Mas, enquanto na Califórnia e noutros estados norte-americanos se legaliza a marijuana com fins recreativos, no país pioneiro da tolerância as normas estão a endurecer, para evitar os efeitos negativos do consumo de marijuana na vida social.

Haia foi a primeira cidade holandesa que proibiu fumar marijuana na estação central ferroviária e nas zonas comerciais do centro urbano. Muitos munícipes e turistas queixavam-se do forte cheiro a marijuana, do ruído dos fumadores e da deterioração das condições de vida da cidade. O porta-voz do município reconheceu que “o uso de drogas leves tem um impacto negativo no ambiente de residentes e visitantes”. Daí que aqueles que a partir de agora fumem nalguma das 13 áreas proibidas se exponham a ser multados.

Haia não é a única cidade que estabeleceu espaços livres do fumo da marijuana. O município de Amesterdão proíbe o consumo de drogas nas imediações de escolas e campos desportivos, tal como o de Roterdão. Desde 2012, as *coffeeshops* devem ser [estabelecimentos exclusivos para clientes com cartão](#), e o número de membros não pode ultrapassar os 2000. Recentes disposições do governo proibiram que as *coffeeshops* das áreas fronteiriças sirvam estrangeiros, para evitar o turismo da droga.

Também se deseja reduzir o número de *coffeeshops* e submetê-las a regras mais restritas. Atualmente, a cannabis é vendida abertamente em 573 *coffeeshops* de 103 municípios.

O “mistério” é como conseguem abastecer-se, pois a produção e o armazenamento de drogas continua a ser um delito. O consumo da cannabis em todas as suas formas é tolerado, desde que comprada numa *coffeeshop* e só até 5 gramas de cada vez. O estabelecimento não pode armazenar mais de 500 gramas, a venda é destinada apenas aos adultos, e não é permitida a publicidade. Outro aspeto é que a regulamentação seja respeitada.

O que a [legislação holandesa](#) não resolveu é o abastecimento controlado da cannabis. O cultivo e comércio de marijuana em grande escala é perseguido, embora as penas impostas pelos tribunais sejam muito menores do que noutros países. Atualmente, as *coffeeshops* podem vender cannabis mas não cultivá-la, o que, na opinião dos críticos da legislação, deixa o campo livre para que os narcotraficantes se convertam nos fornecedores. O cultivo é feito de modo clandestino em porões e sótãos, armazéns industriais ou alpendres no campo. E ainda que a marijuana seja considerada uma “droga leve”, a realidade é que a produção de cannabis tem-se dirigido cada vez mais para variedades de grande potência.

Para resolver o paradoxo do consumo tolerado e da produção proibida, em março passado, o governo anunciou um plano experimental em 10 municípios para uma produção controlada de cannabis. Os cultivadores serão escolhidos mediante um concurso.

A polícia receia que o novo plano converta os traficantes em fornecedores legais, que seriam os donos das plantações. O Sindicato da Polícia chegou a dizer num [relatório](#) de fevereiro passado, que “a Holanda apresenta muitos dos traços de um ‘narco-estado’. Os pequenos delinquentes da droga transformam-se em ricos empresários da hotelaria, do mercado imobiliário e do lazer”. O sindicato adverte que o tráfico de estupefacientes prolifera, e que cada vez há mais ajustes de contas entre mafias da droga. Deste modo, a Holanda está a converter-se num fornecedor importante de drogas para toda a Europa.

Após uma longa experiência de convivência com a cannabis, na Holanda já não se fala do seu uso “terapêutico”, pois o seu consumo recreativo produziu efeitos antissociais que incomodam os vizinhos e a produção está nas mãos de delinquentes organizados.

A sociedade francesa quer cautela em temas bioéticos

O Comité Consultivo Nacional de Ética publicou um documento de quase 200 páginas, que inclui as conclusões e abordagens mais relevantes do debate público aberto em janeiro sobre a vigente lei de bioética, aprovada em 2011 e cuja revisão parlamentar está prevista para este ano. Em conjunto, confirma a tendência contrária ao permissivismo.

Apesar das pressões – pouco antes de começar a consulta nacional, foi publicado um manifesto a favor da maternidade de substituição –, prevaleceu um consenso muito amplo contra esta prática.

Neste aspeto concordam as posições do movimento conservador conhecido como *La Manif pour Tous* com as de destacadas personalidades de esquerda e amplos setores feministas que têm vindo a promover a abolição universal da gestação para outros, através de uma convenção internacional semelhante às vigentes contra a escravatura, a tortura ou o tráfico de pessoas (“Aceprensa”, 14.5.2015).

Outro assunto que se pode considerar conclusivo é a exclusão das normas sobre o fim da vida no projeto de lei sobre bioética que o governo vai apresentar no outono, depois de estudar o parecer do Comité Consultivo Nacional de Ética e outros organismos consultivos, como as Academias e o próprio Conselho de Estado.

Embora não previsto no elenco de assuntos dos “estados gerais”, como se conhece em França a consulta nacional sobre bioética, os defensores da eutanásia não pouparam medidas de pressão. Mas a lei Claeys-Leonetti vai ser mantida na mesma após dois anos em vigor. O consenso transfere-se mais para a necessidade de superar o atual défice em cuidados paliativos, assim como na conveniência de promover um melhor conhecimento e aplicação da norma.

Num relatório publicado a 11 de junho, a Inspection Générale des Affaires Sociales (IGAS) faz uma primeira avaliação positiva da vigência do texto aprovado em finais de 2015, embora faça umas 30 recomendações para uma aplicação “mais homogénea” e “mais rigorosa”. Destaca que “oferece uma resposta adequada à gestão da grande maioria dos itinerários de fim de vida”.

Pelo contrário, está mais aberta a discussão sobre a reprodução assistida, embora predomine a tendência para manter o *statu quo*. Diversamente de outros países, o critério francês é muito restritivo: reserva-se a casais heterossexuais inférteis, longe da aceitação do hipotético “direito universal” de qualquer mulher a ser mãe.

A pressão é forte, mas também os obstáculos: o económico; o anonimato na doação de gâmetas, contra o direito dos nascidos a conhecerem a sua origem, reconhecido maioritariamente; os direitos da criança, ao decretar *a priori* a existência de filhos sem pai, no caso de aplicar-se a uma mulher sozinha, mesmo em união com outra. Em todo o caso, a maioria exclui que seja uma prestação coberta pela Segurança Social.

O avanço da biotecnologia permite intervenções muito delicadas sobre a vida humana nascente. Desde o chamado “diagnóstico pré-natal”, previsto para tratar clinicamente possíveis anomalias, abrem-se caminhos para a manipulação genética, práticas de eugenia ou abortos seletivos de pessoas deficientes. Nestes temas, o Comité recomenda vivamente o princípio de precaução ou cautela.

Por outro lado, os debates salientaram um clima de opinião inesperado, que se reflete em “certa desconfiança para com os cientistas e mesmo os médicos”, que não havia surgido até agora. Os cidadãos inquietam-se cada vez mais sobre a sua capacidade para dominar as ferramentas que criam e põem em prática.

O presidente do Comité Ético francês, Jean-François Delfraissy, salienta que está a ser questionada a própria noção de progresso médico, e o lugar do cidadão no futuro sistema de saúde.

S. B.